

## O SÉCULO E SUA BESTA (POR UMA HISTÓRIA DAS SUBJETIVIDADES)

Tiago Guilherme Pinheiro

O termo russo *Viek* abrange um tal leque polissêmico que, em português, o faz comportar traduções como “século”, “época”, “era” e mesmo “eternidade”. Sem dúvida, tal abrangência serve melhor para aquilo que o filósofo francês Alain Badiou (1937-) procura buscar em seu livro *O Século*, resultado de um curso ministrado no *Collège International de Philosophie*, entre 1998-2001. Não é à toa que ele escolhe como peça de abertura o poema de Ossip Mandelstam que leva justamente esse título. Pois não se trata de levantar os fatos que se sucederam entre 1901 até 2001. Trata-se de buscar no “século” um conceito pertencente a uma subjetividade que permeou esse período, algo que, de fato, o diferencia dos demais – enfim, trata-se de pensar o que o século pensou de si mesmo, de como o século pensou o seu pensamento.

Para tanto, o método adotado é o da leitura de textos – políticos, artísticos, filosóficos, científicos – quem tenham participado na constituição do “século” no século XX. Aqui, Badiou repontua aquilo que foi desenvolvido (ainda que expressamente deixado em aberto) em *Pequeno Manual de Inestética*: a busca por uma relação não-evidente entre obra de arte e verdade, que rompa com os esquemas tradicionais didático/marxista (que a obra de arte não detém uma verdade singular, própria a si mesma; sua verdade é de segunda ordem, é mimética), romântico/heideggeriano (a verdade só é acessível pela arte, mas tal verdade é vista como promessa inacessível, geradora de interpretações, sempre frustrantes) e clássico/psicanalítico (a arte não detém verdade, mas isso não é um problema – sua função é catártica, terapêutica). Esse novo tipo de relação tenderia a conjugar verdade singular (isto é, um tipo de verdade próprio a arte, que só pode ser elaborado pela arte) e imanência, conjugação que os modelos anteriores não conseguiram fornecer simultaneamente<sup>1</sup>, sem que haja uma forte dessimetria entre esses dois elementos. Badiou então esboça sua própria proposta, que tenta mostrar que a obra de arte individual não contém uma verdade (pensando aqui numa verdade-identidade, isto é, na verdade como adequação ao real, ao verdadeiro, esteja ele disponível ou não), mas que participa e reatualiza uma verdade, o que para Badiou (assim como para Gilles Deleuze) significa um processo, desencadeado por um

acontecimento. É como se cada uma das obras fosse um ponto singular num tecido de uma verdade que só pode ser formada a partir da arte.

Dessa forma, a obra de arte (mas aqui caberia também dos individuais das outras formas de verdade, segundo Badiou: ciência, política e amor) é constitutiva da verdade, mesmo que não o faz sozinha, mas por ramificações e relações. Nesse sentido, podemos entender melhor a escolha de um certo método imanente de leitura dos textos que formam o século XX: o poema de Mandelstam, as peças de Brecht e a obra de Freud não são meros registros de seu tempo - eles são criadores de seu tempo, de seu século, porque buscam traçar uma subjetividade; ao mesmo tempo em que participam dela, buscam prepará-la para o acontecimento que tentam realizar.

Assim, poderíamos estabelecer como as perguntas principais do livro: algo aconteceu nesse século? O projeto que o animava de fato vingou? Qual é o acontecimento para o qual o século se preparava?

O livro começa por se perguntar qual seria o projeto que animaria os três séculos “históricos” que disputam o século XX – o comunista, o totalitário e o liberal-democrático<sup>ii</sup> –, qual a subjetividade que permeia manifestações tão singulares e tão desastrosas? A resposta de Badiou será: o que motiva o século XX é a tentativa de transformar o homem em homem pelo homem. O projeto do homem novo estaria presente de várias formas nos séculos históricos, seja como um retorno a origem pura (o homem ariano do nazismo); a de um homem que jamais haveria tido lugar na história, o homem pleno e livre do socialismo; ou ainda um homem que não se dá como projeto, mas como animal lastimável (p.264), que não se dá como projeto, mas como um anti-projeto que visa bloquear toda a alternativa que não seja a da política única liberal, com o risco de recairmos no terror nazista ou stalinista.

O “século” e o projeto do novo homem que o anima não é propriamente um acontecimento – ele é, em seu balanço, um fracasso nesse sentido, um projeto que não tem como ser colocado e que resultou, como Badiou (1995) colocaria em outro lugar, em falsos acontecimentos (como o nazismo, isto é, de tentativas forçadas não de mudança, mas de uma manutenção violenta de uma situação) ou em um desastre (como o stalinismo, que tentou regularizar todos os níveis da vida, não deixando espaço para o elemento do novo inerente a todo o acontecimento) ou em traição (no caso da China pós-maoísta, transformada no pior tipo de capitalismo). E como consequência geral, o

século vive um estado de situação, de mera administração dos direitos concedidos, sem qualquer perspectiva que não seja a reprodução infinita do presente.

Para além da singularidade de cada uma dessas políticas (e Badiou não cansa de frisar que é preciso respeitar a singularidade de cada uma delas, não reduzindo uma a outra, prevendo a violência que incorre em tal redução), o impulso que se faz necessário para o autor é buscar compreender o que havia de questionável no interior mesmo desse projeto. Nas leituras propostas ao longo do livro, encontramos o nó dessa questão: o século é um século sangrento, que crê ser necessário destruir o velho para fazer surgir o novo. Sua fórmula pode ser encontrada já na primeira estrofe do poema “O Século”, que abre o livro, que aparece na edição brasileira tal como traduzido por Nelson Ascher e Boris Schnaiderman (p.28):

Século meu, besta minha, quem poderá  
mergulhar os olhos em tuas pupilas  
e colar com seu sangue  
as vértebras de duas épocas?  
O sangue-fundador aos borbotões  
vomita coisas terrestres.  
O vertebrador quando muito freme  
No limiar dos novos dias.

Apontando então para a violência contida nessa relação entre o novo e o velho, entre a vontade de um novo homem que precisa passar por necessidade, dessa nova civilização que deve se colocar no lugar da própria natureza (divisão essa que dá início a modernidade e que parece encontrar no século XX sua forma mais perversa), desse século que terá como cifra o Dois altamente combativo (e pelo qual Badiou fará uma bela leitura do famoso ensaio de Mao Tsé-Tung (2007), “Sobre a contradição”), um dois formado por esses pólos que nunca assumirão uma relação dialética porque objetivam a aniquilação do outro (seriam uma síntese disjuntiva, como chama Deleuze), dentro dessa ampla perspectiva sobre o século que Alain Badiou irá cunhar seu conceito de paixão pelo real.

Esse termo que o autor toma emprestado do *Seminário IX (1961-2)* de Jacques Lacan, aquele que discute a identificação, aqui é utilizado para designar um impulso que faz o século ir em direção à coisa em si, àquilo que se acredita ser o núcleo duro do real. Há uma urgência nessa paixão – ela sempre se quer imediata e inédita, sempre teme de que o momento de tomar as coisas como elas são já esteja passando. E, para isso, é preciso tomar uma atitude destrutiva, é preciso eliminar o velho para que o novo apareça: não raro esse foi um impulso comum tanto para certas vanguardas como para certas políticas. Em determinado momento, Badiou lembrará, pensando na ligação entre a belle époque do início do século e o seu suposto contraste com o restante dele, que:

Criar um homem novo equivale sempre a exigir que o homem seja destruído. A discussão, violenta, sem reconciliação, baseia-se sobre o que é o homem velho. Mas em todos os casos o projeto é tão radical que não se leva em conta, em sua realização, a singularidade das vidas humanas – trata-se apenas de um material. Um pouco como, arrancados de sua harmonia tonal ou figurativa, os sons e as formas eram, para os artistas da arte moderna, material cuja destinação se deve reformular [...] É, portanto, possível afirmar que o século foi fiel ao seu prólogo. Ferozmente fiel. (p.21)

A questão se torna mais sutil e mais complexa quando aplicada a grandes pontos da teoria marxista, em especial, uma certa compreensão do conceito de ideologia. Aqui entram os capítulos dedicados a Brecht e sua idéia de distanciamento. Pode-se dizer que ela se mantém no limiar de um movimento absolutamente autodestrutivo no interior do maquinário do século XX: a idéia de que o real sempre precisa criar uma sensação de desvelamento para fixar-se como real. Isto é, há uma teatralidade imanente na paixão pelo real que faz com que o semblante, a máscara, não sejam seus contrários, mas sim recursos indispensáveis desse tipo de real que se quer dentro da lógica da identidade, como uma coincidência total entre verdade (verdade prescritiva) e aparência. Badiou dá como exemplo último desse procedimento, os julgamentos realizados durante o stalinismo, processos enormes e espetaculares: mesmo sabendo que o resultado de tal julgamento era inevitavelmente o fuzilamento, toda essa encenação era necessária para se exhibir o processo de uma depuração do real, de que o real está repleto de traidores, e que é na eliminação violenta de um desses é que o real se afirma e se justifica. Por isso,

sobre essa versão da paixão pelo real, há um diagnóstico hegeliano: recai-se num mau infinito, num advir-nada, porque “liberdade” e “justiça” aqui não tem representação nenhuma, a não ser a morte honrada e o terror absoluto.

Eis aqui uma reflexão refinada sobre o estatuto da ideologia hoje: como Peter Sloterdijk (1989) já propôs, não é por meio de uma crítica da consciência, isso é, por uma insistência pedagógica baseada na insuficiência daquilo que sabemos, é que se abre uma porta para outra ordem social. “Eles sabem muito bem o que fazem, e ainda assim continuam fazendo”, numa inversão que mais ajuda a apreender certo aspecto dos capítulos iniciais de *O Capital* de Marx, do que a ele se contrapõe.<sup>iii</sup>

Porém, Badiou ainda prevê um outro tipo de paixão pelo real. È preciso dizer que o abandono desse impulso equivale a um abandono mesmo do político – nossa situação hoje é justamente aquela que se posiciona com terror frente a qualquer índice de real, que o evita profundamente. A questão passa a ser qual seria essa outra possibilidade. Através de uma reflexão sobre *Quadrado branco sobre fundo branco* de Malevitch, o filósofo nos fornece a resposta: Badiou propõe uma paixão pelo real baseada na subtração, que estaria mais atenta a uma diferença mínima entre aquilo que está dado e o suporte, a gramática que possibilita esse dado (a diferença entre o lugar e aquilo que tem lugar no lugar, para utilizar uma terminologia derivada de *Um Lance de Dados...* de Mallarmé, recurso muito comum na obra de Badiou<sup>iv</sup>).

Tal como Walter Benjamin aponta que uma revolução ocorre por um deslocamento mínimo das coisas, mudança mínima, mas decisiva, Badiou vê nessa paixão pelo real substrativa a possibilidade de pensar uma outra ordem do mundo, ou seja, na própria abertura que possibilita qualquer acontecimento, e que, na verdade desse acontecimento, guarda o espaço para a imprevisibilidade. È por isso que Badiou irá contrapor ao poeta-guia das nações do século XIX (Victor Hugo, Whitman) a figura do poeta-vigia do século XX, o artista da espera, o “poeta como exceção secreta atuante, como reserva do pensamento perdido. O poeta é o protetor, na língua, de uma abertura esquecida” (p.40).

Pensando nessa abertura é que podemos recontextualizar Badiou no interior da filosofia francesa dos anos de 1960, aquela que ficou conhecida por nomes como Jacques Derrida, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Há uma má tendência no cenário brasileiro em polarizar o marxismo e essa tendência filosófica chamada de pós-

estruturalismo. Mas como Badiou mostra, os melhores momentos do marxismo contemporâneo visam justamente a responder as questões colocadas pela “contingência radical” proposta por esses autores. Além disso, como o próprio Badiou faz questão de lembrar, essa também é a década de Jean-Paul Sartre, de Louis Althusser, do maoísmo; a década de Jacques Lacan; e também a década de Georges Canguilhem e de Jean Hyppolite. Há uma imensa discussão marxista e hegeliana que se cruza nesse cenário, inclusive *in absentia*. Certamente há o impulso pela vontade de fornecer um pensamento, mesmo que tais nomes sejam conflituosos.

Não é por outro motivo que Badiou encerra o seu livro com um capítulo dedicado a essas discussões, expondo dois eixos que possibilitam pensar no futuro da questão humanística: aqueles que nela insistem, que tentam dar novo fôlego a esse projeto após o stalinismo, como é o caso de Sartre; e aqueles que não vêem futuro para o homem, que buscam encerrar a questão tentando desenvolver outro sujeito político, como é o caso de Michel Foucault. Apesar de tomar partido por um abandono de uma via humanista (mudar o homem “foi projeto revolucionário, sem dúvida mau projeto”, p.22-23), Badiou admite que a via do *inumanismo formalizado* ainda esteja por ser traçada.

Contudo, tal perspectiva abre ao menos um caminho estratégico que dificilmente se encontra em um humanismo impregnado pela difusão dos chamados direitos humanos e valores democráticos<sup>v</sup>. Enfim, essa diferença mínima entre o homem e o sujeito político já é capaz de ao menos fornecer um projeto em tempos de anti-projetos. A possibilidade de propor uma nova subjetividade formada por coletividades, e não encabeçada por intelectuais “mais conscientes”, por projetos didáticos. Resta saber por onde começar...

---

<sup>i</sup> Poderíamos dizer que nesse ponto Badiou é injusto com relação a certos pensadores do século XX, tais como Walter Benjamin, Theodor Adorno e Jacques Derrida. No entanto, também podemos lembrar que a dívida romântica (para os frankfurtianos) ou heideggeriana (para a desconstrução) não deixa de ser uma questão tensa e, por isso mesmo, talvez deva algo a esses modelos anteriores. Acreditamos, entretanto, que Badiou (2002) exagera ao dizer que o século XX “não introduziu um novo esquema em larga escala” , que foi um século “conservador”(p.16) para as relações entre arte e filosofia.

<sup>ii</sup> Ainda que não seja assumido de forma explícita nessa lista, poderíamos dizer que Badiou deixa entrever em várias passagens um quarto século, o século colonizador. Sem dúvida, o curso que deu origem ao livro

---

é focado na Europa (ainda que haja passagens asiáticas), e não seria má questão perguntar o porquê (uma resposta possível seria a de que as conferências pertenciam a uma intervenção política na situação política da França de então, situação essa que hoje vemos se concretizar explicitamente na política xenofóbica de Sarkozy). De qualquer forma, Badiou não deixa de assinalar que há um “elo obscuro, quase ontológico, que une a Europa satisfeita e a África crucificada. A África como perfídia secreta da faxina moral do branco” (p.51). Falta, nesse século de Badiou, o século latino-americano, o que induz uma espécie de encargo para nós: o que foi o nosso século? Ou mesmo: nós participamos de algum século? Nós somos capazes de construir nossa própria temporalidade, nosso próprio conceito?

<sup>iii</sup> Não seria o conceito de alienação de Lúkaç a questão problemática aqui? Não é por coincidência que talvez a sua obra seja, dentro da tradição marxista, a que mais se preocupe em pôr um homem novo pós-revolucionário. Apesar da tendência quase hegemônica, e certamente justificável até certo ponto, em dividir a obra de Lúkaç em duas, apontando “o velho Lúkaç” como uma espécie de equívoco de época, talvez seja hora de rever a sua obra integralmente, notando que muitos dos elementos “stalinistas” já estavam presentes nos primeiros momentos de sua produção. Isso está longe de invalidar a sua obra. Acredito que, ao contrário, tal estudo forneceria grandes contribuições para as questões marxistas contemporâneas. Talvez a grande lição que Badiou e Slavoj Žižek tenham a oferecer é a de que temos que assumir responsabilidade pela herança que adquirimos, que precisamos recebê-la integralmente, só para então poder respondê-la com rigor. Como é dito em o século: “o que não é pensado insiste” (p.12).

<sup>iv</sup> Cf., por exemplo, o final do capítulo IV de *L'être et l'événement* ou o início do *Court traité d'ontologie transitoire*.

<sup>v</sup> Slavoj Žižek (2008), em seu livro sobre o 11 de setembro norte-americano, retomará o conceito de paixão pelo real para desenvolvê-lo numa direção apenas arranhada por Badiou: uma paixão pelo real que serve para encobrir todo o contado com o real, pela a experiência mesmo de um “real”. É como se a relação entre real e semblante da paixão pelo real destrutiva se invertesse. Cria-se um semblante para que todo o real seja sentido como ficcional, ainda que o movimento de desvelamento ainda se mantenha, apenas para propor um adiamento infinito desse real, do ato.

## **Bibliografia**

BADIOU, Alain. *Ética: ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pequeno manual de inestética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Século*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2007.

TSÉ-TUNG, Mao. *Sobre a prática e a contradição*. São Paulo: Zahar, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica de la razón cínica*. Madrid: Taurus, 1989.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!*. São Paulo: Boitempo, 2008.

---

## Resumo

Nesse texto, procuramos reler a estrutura desenvolvida por Alain Badiou em seu livro *O Século*, levantando os pressupostos e os conceitos mobilizados pelo filósofo francês para dar conta da complexidade que perpassa esse período. Dessa forma, pretendemos mostrar como Badiou propõe uma outra história da literatura, que leva em consideração a criação de subjetividades, uma história que esteja aberta para o futuro.

Palavras-chave: Alain Badiou; paixão pelo real; história das subjetividades

## Abstract

In this paper, we try reread the structure developed by Alain Badiou in his work *The Century*, giving attention to the presuppositions and the concepts mobilized by the French philosopher to give account for the complexity of the period. This way, we intend to show how Badiou suggests another type of history of literature, a history that takes in consideration the creation of subjectivities, a history that is open to the future.

Keywords: Alain Badiou; passion for the real; history of subjectivities

## Mini-curriculum

Tiago Guilherme Pinheiro é bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela PUC-PR. Realizou pesquisas no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, além de participar do projeto *Guia de Leitura: Jorge Luis Borges* com Jorge Schwartz. Atualmente é doutorando pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, com a tese "Autonomia e neutralização: Representações do campo literário contemporâneo em Roberto Bolaño e J.M. Coetzee", orientada pelo Prof. Dr. Marcos Piason Natali.

e-mail: tg\_pinheiro@yahoo.com.br